

# O caminho da formação espiritual em um mundo plural: reflexões sobre uma jornada de fé

*The Path of Spiritual Formation in a Plural World: Reflections on a Journey of Faith*

Ezir George Silva

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRP), Brasil

Josemar Guedes Ferreira

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil

## Resumo

Este trabalho se inscreve nos estudos sobre o caminho do homem e o diálogo da fé em um mundo plural. Reflete ainda, acerca das trilhas do humano em uma realidade social que se mostra intolerante, fundamentalista e despersonalizante das relações entre povos, pessoas e visões de mundo. O primeiro objetivo é chamar atenção para algumas perspectivas interpretativas acerca dos olhares de Cristo sobre as relações humanas e suas implicações para a jornada de fé da Igreja Cristã. Especificamente, pretendemos problematizar as categorias da Missão e da Fé em uma realidade cada vez mais diversa, multifacetada e mutante. O segundo é mapear os percursos hermenêuticos acerca de certo caminho do espiritual e, por fim, indicar os horizontes possíveis da relação entre o humano e sua experiência de mundo. Do ponto de vista metodológico, propomos um olhar hermenêutico, por entendermos que seus pressupostos apontam para uma íntima relação entre a pesquisa e o pesquisador, o conteúdo e sua aplicabilidade, a partir de um sentido de busca e à luz dos desafios apontados no Evangelho de João, capítulo dezessete, para a formação humana e outros modos de Ser e fazer da Igreja Cristã na contemporaneidade.

## Palavras-chave

Missão.  
Fé.  
Pluralidade.  
Caminho.  
Humano.

**Abstract**

The work is part of studies on the path of man and the dialogue of faith in a plural world. It also reflects on the paths of the human in a social reality that proves to be intolerant, fundamentalist and depersonalizing the relationships between peoples, people and worldviews. The aim is to draw attention to some interpretative perspectives on Christ's views on human relationships and their implications for the Christian Church's journey of faith. Specifically, we intend to problematize the categories of Mission and Faith in an increasingly diverse, multifaceted and changing reality. Second, to map the hermeneutic paths about a certain path of the spiritual and, finally, to indicate the possible horizons of the relationship between the human and his experience of the world. From a methodological point of view, we propose a hermeneutic look, as we understand that its assumptions point to an intimate relationship between the research and the researcher, the content and its applicability, from a sense of search and in light of the challenges pointed out in the Gospel of John, chapter seventeen, for human formation and other ways of being and doings of the Christian Church in contemporary times.

**Keywords**

Mission.  
Faith.  
Plurality.  
Path.  
Human..

**Introdução**

O mundo em que vivemos é multifacetado em múltiplos aspectos e dimensões. Em geral, traz as marcas da diversidade cultural, da desigualdade social e das diferenças entre povos, pessoas e visões de mundo. Um cenário, que não somente aparece imbricado no corpus da realidade cotidiana brasileira, mas que se evidencia também nos dinamismos das sociedades contemporâneas em diversos continentes.

Em uma perspectiva aberta, isto representa mais do que um simples dado descritivo, principalmente, quando nos deparamos com uma realidade social que se mostra intolerante, fundamentalista e despersionalizante das relações humanas e de seus espaços e seus processos formativos.

A partir dessas considerações, questionamo-nos: *quais são as implicações hermenêutico-teológicas da Missão propostas por Cristo na contemporaneidade?* O objetivo é chamar atenção para algumas perspectivas interpretativas acerca dos olhares de Cristo sobre as relações humanas e seus desafios para a jornada de fé da Igreja Cristã. Especificamente, primeiro, pretendemos problematizar as categorias da Missão e da Fé em uma realidade

cada vez mais diversa, complexa, multifacetada e mutante; segundo, mapear os percursos hermenêuticos acerca de um certo caminho do espiritual e, por fim, indicar os horizontes possíveis da relação entre o humano e sua experiência de mundo.

Do ponto de vista metodológico, propomos um olhar hermenêutico, por entendermos que seus pressupostos apontam para uma íntima relação entre a pesquisa e o pesquisador, o conteúdo e sua aplicabilidade, a partir de um sentido de busca e à luz dos desafios apontados no Evangelho de João, capítulo dezessete, para a formação humana e outros modos de ser e fazer da Igreja Cristã na contemporaneidade.

## Abordagens do caminho do humano em um mundo multiplural

Segundo Elias e Scotson “os problemas da identificação têm sido estudados por diversos ângulos.”<sup>1</sup> Em tempos atuais as emergências de novos e antigos discursos demonstram como a realidade que nos comporta existe sob os signos das constantes mudanças, suas diferenças, múltiplos olhares e eventuais desafios.

A globalização é tanto geradora de contextos simétricos quanto de posturas não consensuais e polarizantes; representa um nicho de ideias e posturas que colocam a vivência espiritual no limite de uma fronteira entre diversidade e unidade e em meio às tensões que atravessam tanto as relações humanas quanto as pressuposições institucionais.<sup>2</sup> Dessa maneira,

[...] a afirmação das diferenças - étnicas, de gênero, orientação sexual, religiosas, entre outras - manifesta-se de modos plurais, assumindo diversas expressões e linguagens. As problemáticas são múltiplas, visibilizadas especialmente pelos movimentos sociais que denunciam injustiças, desigualdades e discriminações, reivindicando igualdade de acesso a bens e

---

<sup>1</sup> ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p.187.

<sup>2</sup> OCTAVIO, Ianni. Globalização: novo paradigma das Ciências Sociais. *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 8, n. 21, 1994, p. 147-163.

serviços e reconhecimento político e cultural.<sup>3</sup>

Ao existir em uma sociedade plural, a Igreja Cristã precisa sentir-se desafiada a ressignificar tanto sua forma de presença, como sua maneira de engajar-se e de dialogar com o mundo e suas transformações paradigmáticas. No esforço de cumprir com sua responsabilidade, a Igreja precisa sentir-se movida a desenvolver uma visão crítica acerca do seu próprio discurso, procurando problematizar a realidade, buscando ampliar seu olhar acerca dos seres humanos, agindo de modo contextualizado e elaborando uma agenda de mudanças que envolvam engajamento existencial, participação efetiva e coerência espiritual.

Falamos sobre um conjunto de trilhas e acessos que estejam comprometidos com uma formação humana que seja ética, clarividente da época em que vivemos e realizadora das humanidades em geral. Zwetsch diz que a ideia de Missão indica alguém que foi

[...] enviado por outra pessoa para realizar alguma ação ou entregar alguma mensagem. Note-se, porém, que originalmente o termo não tinha caráter religioso. Ele procede do âmbito secular, mais propriamente militar. E mesmo em nossos dias, designa ações de cunho diplomático, comercial, político e até esportivo. O uso do termo na história cristã tem a ver com a própria expansão do Evangelho no Império Romano, a partir da comunidade judaico-cristã da Palestina.<sup>4</sup>

No aspecto dinâmico e de acordo com Snyder, essa Igreja Cristã é “[...] a comunidade do povo de Deus. É um organismo carismático fundado por Deus como agente de seu plano cósmico para a história da humanidade”.<sup>5</sup> Esse tipo de eixo-temático da missão da Igreja Cristã, portanto, vem merecendo atenção especial e discussão ampliada desde o século XX, mais

<sup>3</sup> CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças Culturais, Interculturalidade e Educação em Direitos Humanos. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 33, n. 118, 2012, p.236.

<sup>4</sup> ZWETSCH, Robert E. In: Missão-Testemunho do Evangelho no Horizonte do Reino de Deus. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (org.). *Teologia Prática no Contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: ASTE, 1998, p. 197.

<sup>5</sup> VV. AA. *A Missão da Igreja no Mundo de Hoje: as principais palestras do congresso internacional de evangelização mundial realizado em Lausanne, Suíça*. 3ed. São Paulo: ABU, Visão Mundial: Belo Horizonte, 1989, p.87.

especificamente, por parte das abordagens teológicas de caráter Ecumênico, Visão Protestante e interpelações Católicas Apostólicas Romanas.

Sobre o Movimento Ecumênico, dizemos que suas raízes encontram-se em distintos movimentos missionários de estudantes e leigos no final do século XIX e de “[...] uma encíclica de 1920 do Sínodo Ortodoxo de Constantinopla”<sup>6</sup>, que só se efetivou na ocasião da Conferência de Edimburgo, em 1910, e a partir do Relatório da Comissão II, quando ousou abordar a temática - *A Igreja no Campo da Missão*. Em tese, sugere-se uma “comunhão de igrejas’ semelhantes à Liga das Nações” - World Council of Churches<sup>7</sup>.

Líderes de mais de cem Comunidades Cristãs votaram pela criação de um Conselho Mundial de Igrejas - CMI, em 1937-38. Esta decisão tornou-se o símbolo de um novo caminho, mas sua inauguração só pôde ocorrer após a Segunda Guerra Mundial, na Primeira Assembleia Ordinária de 1948<sup>8</sup>. O CMI é o representante principal do ecumenismo atual em todo o mundo e reconhece como membros as Igrejas Protestantes, as de Tradição Ortodoxa e a Igreja Católica Apostólica Romana, que exerce um papel de instituição observadora. Segundo Scherer, o Pensamento Missionário Ecumênico divide-se em três estágios:

[...] o primeiro estágio, [...] aproximadamente de 1948 a 1961, caracteriza-se por uma ênfase na Igreja como agente da missão de Deus. O conceito de *missio Dei* começa a ganhar aceitação em círculos ecumênicos. O segundo estágio, de 1961 até 1975, [...] enfatiza o mundo como o lugar para a missão de Deus, [...]. Estes anos representam um período particularmente atribulado para o pensamento missionário ecumênico [...]. O período final, de 1975 até o presente [...] mais uma vez afirma-se a Igreja como instrumento válido na missão de Deus, a cristologia recebe um papel mais central e percebe-se que a missão ecumênica está a caminho de uma síntese entre os pontos de vista anteriormente opostos.<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> WORLD MISSIONARY CONFERENCE, 1910. *The Church in The Mission Field: Report of Commission II*. Edinburgh/London: Oliphant, Anderson & Ferrier/ Fleming H. Revell Company, 1910.

<sup>7</sup> WORLD COUNCIL OF CHURCHES. *História*. [s.d], página inicial. Disponível em: <https://www.oikoumene.org/about-the-wcc/history>. Acesso: 20 mai. 2021.

<sup>8</sup> WORLD COUNCIL OF CHURCHES. *História*. [s.d], página inicial.

<sup>9</sup> SCHERER, James A. *Evangelho, Igreja e Reino: estudos comparativos de teologia da missão*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1991. (Teologia Prática - c-1), p, 71-72.

Após a Conferência de Melbourne (1980), o CMI produziu o documento intitulado *Missão e Evangelização: uma afirmação ecumênica*, com argumento de que a Igreja Cristã não é uma comunidade com um fim em si mesma e/ou que pode existir descomprometida e/ou desconectada das questões próprias do mundo<sup>10</sup>.

Quanto à abordagem teológica Protestante, ressaltamos o quanto o CMI a impactou e a despertou na direção de um novo olhar voltado para a América Latina, mais especificamente, nos desdobramentos que culminaram na realização do Congresso Internacional de Evangelização Mundial, na cidade de Lausanne - Suíça, em 1974.

Em termos práticos, este pacto enfatiza o papel da evangelização no mundo e introduz uma nova ênfase para os Protestantes quando diz que a Missão da Igreja Cristã é de natureza integral. Nestes termos, orienta que

[...] *todos nós precisamos deixar os nossos guetos eclesiais e penetrar na sociedade não-cristã*. Isso faz parte da missão de serviço sacrificial da Igreja [...]. Essa tarefa inclui tanto a ação evangelística como a social, de maneira que a Igreja, normalmente, não precisa optar por uma delas. Mas se for necessário optar, então, *a evangelização é primordial* [o itálico é do autor].<sup>11</sup>

O Documento de Lausanne, não só reconhece a necessidade de a Igreja sair dos guetos dos seus próprios reducionismos, olhares fixos e categorias generalizantes, como se coloca a favor de uma postura engajada, por onde se reivindica a ressignificação do Ser-testemunha de Cristo em todos os âmbitos da realidade, seja a partir de uma compreensão multidimensional acerca do Espiritual, quanto através de uma visão integral do próprio Ser humano. De acordo com Samuel Escobar,

[...] este renovado sentido de urgência leva a propor um novo estilo de vida em umas linhas do Pacto que foram muito debatidas antes de chegar ao texto final. 'Não podemos esperar atingir esse alvo sem sacrifício. Todos nós estamos

<sup>10</sup> CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *Missão e Evangelização: uma afirmação ecumênica*. Traduzido por Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: CEDI, 1983, p.14.

<sup>11</sup> STOTT, John R. W. *John Stott Comenta o Pacto de Lausanne: uma exposição e comentário*. São Paulo: ABU, Belo Horizonte: Visão Mundial, 1983. (Série Lausanne - 4), p.33.

chocados com a pobreza de milhões de pessoas, e conturbados pelas injustiças que a provocam’. Vários líderes que tinham acesso ao comitê de redação do Pacto insistiam para que deixássemos de fora a expressão ‘conturbados pelas injustiças que a provocam’. Para eles, era bom que se falasse da pobreza, mas não que fosse relacionada com a injustiça. O parágrafo termina com uma proposta de mudança: ‘Aqueles dentre nós que vivem em meio à opulência aceitam como obrigação sua desenvolver um estilo de vida simples a fim de contribuir mais generosamente tanto para aliviar os necessitados como para a evangelização deles’.<sup>12</sup>

No que concerne à abordagem teológica da Igreja Católica Romana, destacam-se a realização do Concílio Vaticano II, entre 1962 e 1965, suas conferências e assembleias. Conforme o Papa Paulo VI, o objetivo último do concílio era “tornar a Igreja do século XX apta para anunciar o Evangelho à humanidade do mesmo século XX”<sup>13</sup>. Quanto à Atividade Missionária da Igreja, pontua-se que,

[...] obediente ao mandato de Cristo e movida pela graça e caridade do Espírito Santo, a Igreja cumpre sua missão quando em ato pleno se faz presente a todos os homens ou povos, a fim de levá-los à fé, à liberdade e à paz de Cristo, pelo exemplo de vida, pela pregação, pelos sacramentos e demais meios da graça. [...] Esta missão no decurso da história continua e desdobra a missão do próprio Cristo, enviado a evangelizar os pobres. Eis por que a Igreja impelida pelo Espírito de Cristo deve trilhar a mesma senda de Cristo, isto é, o caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação de si mesmo até a morte, da qual saiu vencedor por Sua ressurreição.<sup>14</sup>

Em termos de posicionamentos, identificamos que os olhares das tendências Ecumênica, Protestante e Católica Romana indicam pontos de possíveis convergências. O primeiro, quando tratam sobre os fatores da ‘linguagem’ e suas diretrizes para outros acessos no mundo plural e suas

---

<sup>12</sup> ESCOBAR, Samuel. Um cristocentrismo funcional e contemplativo. *Ultimato*, 2014. Disponível em: <https://ultimato.com.br/sites/lausanne/2014/08/04/um-cristocentrismo-funcional-e-proclamativo/#respond>. Acesso em: 01 abr. 2021, página inicial.

<sup>13</sup> PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*: sobre a evangelização do mundo contemporâneo. 14 ed. São Paulo: Paulinas, 1999. (no. 85), p.6.

<sup>14</sup> VIER, Frederico (coord.). *Compêndio do Vaticano II*: constituições, decretos e declarações. 4 ed. Petrópolis: Vozes 1969, p.357

emergências. Segundo, quando reconhecem que suas ações devem se mover por um conjunto de princípios que articulem a relação entre nós, humanos, a realidade na qual habitamos e a dimensão espiritual que nos constitui. E, em terceiro lugar, para a Teologia da Missão na América Latina, falam sobre a necessidade de uma revisão por onde a Igreja seja capaz de resgatar o sentido da luta contra toda e qualquer forma de injustiça e opressão sócio-político-espiritual.

## Olhares hermenêuticos acerca da jornada da fé

A jornada de fé da Igreja Cristã pressupõe a ousadia de uma ação que seja problematizadora do dado, questionadora do visto e mobilizadora de cada pessoa cristã. Nestes termos, o Evangelho<sup>15</sup> de João, capítulo 17, é um dos textos que põe em movimento outros elementos da Fé Cristã e suas interpretações. Decerto, trata-se de uma prece-intenção que pretende nos conduzir, por dentro das vias do sagrado, a uma experiência de mundo humana e desveladora de nós mesmos e das nossas relações interpessoais.

Neste sentido, Cristo ora por si mesmo (vv.1-5), pelos discípulos (vv.6-19), e, finalmente, por outros que haveriam de crer (vv. 20-26), ao longo do caminho. Para Mateos e Barreto<sup>16</sup>, o texto se divide da seguinte forma:

17,1-5: *Prefácio*: que se realize o acontecimento salvífico.

17,6-19: *Oração pela comunidade presente*.

6-8: Pressuposto: fé e prática da comunidade por obra da atividade de Jesus.

9-11: Circunstância: ida de Jesus ao Pai

11b-19: Petição: que o Pai os guarde na missão consagrando-os com a verdade.

17,20-23: *Oração pela comunidade do futuro*.

<sup>15</sup> Esse Evangelho é formal e tecnicamente anônimo, mas desde o século II a tradição da Igreja Cristã apoia a autoria de João, filho de Zebedeu, discípulo de Jesus e o identifica como “o discípulo a quem Jesus amava” (Jo 21,7,20; cf. Jo13,23). Estas tradições são apoiadas por escritores modernos (ver TENNEY, Merrill C. *O Novo Testamento: sua origem e análise*. 3ed. Traduzido por Antônio Fernandes, São Paulo: Vida Nova, 1995 e GUNDRY, Robert H. *Panorama do Novo Testamento*. 2ed. Traduzido por João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1998), não obstante, rejeitadas por outros, em uma ou todas estas informações (ver BROWN, R. E. *A Comunidade do Discípulo Amado*. São Paulo: Paulinas, 1983. (Nova Coleção Bíblica - 17) e DODD, Charles Harold. *A Interpretação do Quarto Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1997. (Nova Coleção Bíblica - 4)). Quanto à proveniência geográfica, a tradição da Igreja indica a cidade de Éfeso, embora outras sugestões sejam defendidas. As mesmas divergências ocorrem em relação à data, aos destinatários e ao propósito deste evangelho.

<sup>16</sup> MATEOS, Juan & BARRETO, Juan. *O Evangelho de João: análise linguística e comentário exegetico*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1999, p.696.



20: Pressuposto: a fé por obra da mensagem dos discípulos.

21-23: Petição: que alcancem a perfeita unidade pelo amor, a fim de que o mundo creia.

17, 24-26: *Conclusão*: que o Pai honre os que o reconheceram. Propósito de Jesus de levar a termo sua obra.

O desenvolvimento espiritual é um fenômeno histórico (Jo 17,1-5). Após ensinar aos discípulos, Jesus imediatamente orou (v.1), dirigindo-se a Deus como Pai - forma vocativa, v.1-*pater* - 'Pai' - conforme os versos 5, 11, 21, 24, 25 e 12,27-28. Era a última hora e Jesus pediu urgentemente por sua morte-glorificação - v.1- *doxason* - 'glorifica' imperativo aoristo, conforme 12, 23-24, 28, 31-33; 13,31-32. Segundo Chamberlain, "o aoristo do imperativo se reveste de certo teor de urgência ou injuntividade".<sup>17</sup> A conjunção *hina* - 'para que', 'que', com o verbo no subjuntivo, geralmente indica propósito. A glorificação iminente de Jesus é a motivação principal de toda a oração e está conectada com a realidade do mundo em geral e em um aspecto dinâmico.

Ademais, o Filho revela o seu desejo de conceder vida a todos os homens (v.2). O verbo - *dedōkas* - 'tem dado', no perfeito, pretende mostrar a dádiva permanente dos discípulos, enquanto *dōsē* - 'desse', no aoristo, indica o conteúdo do que receberiam, ou seja, a vida eterna. Nestes termos, Jesus define 'vida eterna' como o conhecimento de Deus e d'Ele próprio. Algo não somente intelectual, mas que pressupõe um tipo de experiência (v.3 *ginōskōsin*) portadora de saberes contínuos e de perspectivas maiores. Jesus fora, segundo o aoristo indicativo - *apesteilas* -, enviado com uma missão ao mundo.

Assim, o objetivo é fundamentar sua própria autoridade "como representante pessoal autorizado".<sup>18</sup> Jesus cumpriu a sua missão e glorificou o Pai com a mesma glória de antes do mundo existir, porquanto, terminou a obra a Ele designada (v. 4, 5).

---

<sup>17</sup> CHAMBERLAIN, William D. *Gramática Exegética do Grego Neo-Testamentário*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989, p.110.

<sup>18</sup> REINECKER, Fritz & ROGERS, Cleon. *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p.187.

Sobre a oração em favor da comunidade presente (17,6-19), falamos que seu foco era os discípulos e que seu conteúdo pretendia tratar sobre os pressupostos práticos da fé comunitária e suas atividades (6-8). Neste ponto, destaca-se que Jesus revelou, em um único movimento linguístico, o Nome do Altíssimo e a natureza do seu Ser; porque eles eram dádivas do Pai - v.6 - *edōkas* -, conforme os versos 2, 9, 24, onde consta a mesma afirmação.

Por sua vez, os discípulos guardavam a Palavra (*tetērēkan* - ‘têm guardado’), em um tempo perfeito, usando um verbo que indica a continuidade da ação. Mais à frente, souberam, então, que todas as coisas procediam de Deus (v.7) e que o motivo para essa aceitação (*hoti* - conjunção ‘que’, ‘porque’) era que Jesus havia lhes transmitido a mensagem do Pai (v.8. *rēmata* ‘as palavras’). Em seguida, Jesus pede intencionalmente pelos discípulos (9-11a). Conforme Mateos e Barreto,

[...] fora do inciso parentético em 17:10a (*kai...panta...ema...*), as partículas se dispõem assim: (v.9) *hoti...* (v.10) *kai...*(v.11) *kai...kai...kai...* A partícula causal *hoti* introduz as três razões que induzem Jesus a Orar [...]. A última correlação *kai...kai...* estabelece o contraste que se produz na nova situação [...].<sup>19</sup>

As razões para orar desta forma são, em um primeiro momento, porque os discípulos eram de Deus, uma vez que todas as coisas pertencentes ao Pai eram igualmente pertencentes ao Filho (v.9-10a). A segunda, porque neles Jesus era glorificado (v.10). E, finalmente, porque Cristo não estaria fisicamente entre os discípulos (v.11), mas presentificado espiritualmente. Quanto ao segundo motivo, destaca-se o verbo *dedoxasmai* - ‘tenho sido glorificado’ (v. 10), no perfeito passivo, quando aponta para o passado com efeitos permanentes e a partir da voz que enfatiza o resultado da ação. “Está Jesus antecipando a glorificação que os discípulos lhe trariam ao nome. Dificilmente se poderia dizer que já O haviam eles glorificado. Às vezes se dá a esta modalidade o título de PERFEITO PROFÉTICO”.<sup>20</sup>

Em um instante a mais, Jesus especificou, em um tom de urgência, três pedidos em favor dos seus discípulos: primeiro, rogou que fossem

<sup>19</sup> MATEOS & BARRETO, 1999, p. 693.

<sup>20</sup> CHAMBERLAIN, 1989, p. 99.

guardados no nome do Pai - v.11- *tērēson* -guarda’, cujo sentido se compara com o v.6. O propósito era ressaltar que fossem um, como o Pai e o Filho - v.11- *ōsin* - ‘sejam’, subjuntivo presente e, de acordo com o modo e o tempo do verbo, indica que continuem sendo.

Esse primeiro pedido corresponde à atividade de Jesus até aquele instante, ou seja, ele manifestou o nome do Pai (v.6) e protegeu os discípulos nesse Nome, exceto Judas (v.12). O propósito de Cristo com estas palavras era partilhar da própria alegria (v.13b - *exōsin* - ‘tenham’, subjuntivo presente). Isto é, o adjetivo *emēn* com artigo, e após o substantivo, está na posição atributiva - enfática, algo que indica o processo e doação da alegria do próprio Jesus, conforme 15,11. A alegria de Jesus é completa, como atesta o tempo do verbo *peplērōmenēn*, um perfeito passivo.

Essa nova realidade, comparada entre os versos 14 e os 6 e 8, suscitou muitas reações no mundo: porque agora o mestre e eles não eram mais pertencentes a uma única dimensão do mundo, mas se viam como partes e portais de uma perspectiva ampla do espiritual. Apesar disso, os discípulos permaneceriam na terra - comparar com o v.11. Situados no mundo, Cristo pede, em segundo lugar, para que o Pai os guarde do maligno, do príncipe deste mundo - v.15 - *ektouponērou* - ‘do mal’ -maligno (cf. 12,31). A razão era a mesma do verso 14, repetida enfaticamente no verso 16. E por último, ele faz outro pedido também em um tom de urgência - v.17- *hagiason* - ‘santifica’ - imperativo aoristo -, roga ao Pai para santificá-los na verdade da sua Palavra.

A consagração dos discípulos visava torná-los aptos para a missão que receberam. Certamente, isto incluía a “purificação interior e capacitação com todos os recursos espirituais necessários para executarem a sua tarefa.”<sup>21</sup> O Pai enviou o Filho ao mundo e de modo análogo Jesus os envia. Algo que, na prática, deveria ocorrer após a ressurreição (20, 21). O verbo enviar, que aparece neste contexto, é o mesmo para ambas as comissões - v.18- *apesteilas* - ‘enviaste’, de *apostellō* de ‘enviar’ - conforme os versos 3, 8, 21, 23, 25. Neste Evangelho, este verbo não tem um sentido técnico de

<sup>21</sup> BRUCE, F. F. *João: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1990, p.284.

‘apóstolo’, mas somente de ‘enviados’. Logo, pretendia dizer que a missão tinha uma origem divina e que era a extensão da missão do Filho. Nesse sentido, os discípulos entenderam que foram autorizados legalmente como mensageiros da Palavra divina, algo repetido enfaticamente (v.19).

Em seguida, Jesus intercede pelas pessoas que haveriam de crer ao longo da história (17,20-23). Eles creriam n’Ele por meio dos seus primeiros discípulos (v.20 - *tōnpisteuontōn* - ‘dos que creem’ participio presente), cujo tempo verbal está olhando para a continuidade da Igreja no futuro. Nessa parte, aparece o tema da unidade (v.11), seguido da expectativa de Cristo que todos seguissem o modelo da vinculação entre o Pai e o Filho, e dela participassem (vv. 21-23). O outro desejo, consequência natural do primeiro, possui um cunho anunciativo: que o mundo cresse na sua missão divina - v.21- *pisteuē* - ‘creia’, subjuntivo presente, cujo tempo verbal está indicando outra vez o processo de crescimento do número de discípulos.

Jesus recebera a glória<sup>22</sup> do Pai e essa mesma glória se tornou a dádiva do Cristo aos seus discípulos, àqueles enviados para que a unidade entre eles fosse visível e alicerçada na unidade do Pai e do Filho (v.22). Em virtude disto, Jesus aprofunda a temática da relação espiritual. Se os discípulos não perdessem de vista a unidade entre o Pai e o Filho ela seria aperfeiçoada entre eles (v.23 - *teteleiōmenoi*) o verbo - “aperfeiçoado”, no perfeito passivo, aponta para a continuidade e efeito final dessa realidade. Tudo isso, para que o mundo conhecesse o amor do Pai pelo Filho e o envio deste pelo Pai, voltado para as humanidades - v.23 - *ginōskē* - ‘conheça’ - subjuntivo presente, cujo tempo verbal mostra a realidade contínua do conhecimento.

Por fim, Jesus expressa o desejo de estar com todos quantos o “Pai Justo” lhe deu. O Filho o conheceu e os discípulos reconheceram a procedência divina da missão do Filho (v.25). Aos seus seguidores Jesus revelou o Ser do Pai e como o revelaria, mais claramente, na cruz, cujo propósito era que o mesmo amor do Pai pelo Filho e o próprio Filho estivessem nos discípulos, ademais, na sua igreja (v.26). À vista disso e a

<sup>22</sup> Na Bíblia, a palavra ‘glória’ traduz os termos ‘kabod’ (hebraico) e ‘doxa’ (grego). Outros significados são: ‘esplendor’, ‘majestade’, ‘honra’, ‘reputação’, ‘poder’, ‘peso’.

partir da oração de Jesus em João 17, percebemos algumas perspectivas da missão de Jesus para a comunidade cristã e suas implicações para a jornada da fé.

## O caminho que se faz caminhando: o homem e sua vivência espiritual

Anteriormente, destacamos as abordagens teológicas em torno da missão cristã entre três ramos diferentes. O objetivo do resgate desse diálogo é, portanto, compreender a vivência espiritual desse povo no caminho do serviço e a partir dos ensinamentos de Cristo em seus desafios e implicações. Nesse sentido, em um primeiro momento, falamos sobre *o caminho humano segundo o olhar espiritual do Cristo*. A missão do Cristo encarnado (vv.3, 8,18, 21,23,25) inaugurou, histórica e existencialmente, a esperança do Reino de Deus no pregar, ensinar, curar, alimentar e enfrentar as forças opressoras (v. 4). Entretanto, as Igrejas Cristãs, ao longo do tempo, acabaram se afastando do seu projeto originador. No caso da Igreja Católica, diz João Paulo II que

[...] a Missão de Cristo Redentor, confiada à Igreja, está ainda bem longe do seu pleno cumprimento. No termo do segundo milênio, após a Sua vinda, uma visão de conjunto da humanidade mostra que tal missão está ainda no começo e que devemos empenhar-nos com todas as forças no seu serviço [...].

[...] A missão específica *ad gentes* parece estar numa fase de afrouxamento, contra todas as indicações do Concílio e do Magistério posterior. Dificuldades internas e externas enfraqueceram o dinamismo missionário da Igreja ao serviço dos não-cristãos: isto é um facto (sic) que deve preocupar todos os que creem em Cristo.<sup>23</sup>

No que diz respeito à tendência Protestante, vemos que o distanciamento é histórico, algo que ficou evidente no Segundo Congresso Latino-Americano de Evangelização - CLADE II, realizado em 1979, na cidade

---

<sup>23</sup> JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Encíclica Redemptoris Missio* (sobre a validade permanente do mandato missionário). Disponível em: [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_07121990\\_redemptoris-missio.pdf](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.pdf). Acesso: 22 mai. 2021, p.1-2.

de Lima - Peru, sob a organização da Fraternidade Teológica Latino-Americana.

[...] Confessamos que como povo de Deus nem sempre temos atendido às demandas do evangelho que pregamos como demonstra nossa falta de unidade e nossa indiferença frente às necessidades materiais e espirituais de nosso próximo. Reconhecemos que não temos feito tudo o que com a ajuda do Senhor deveríamos realizar em benefício de nosso povo [...].<sup>24</sup>

O que se constata, no decurso do tempo, é um *individualismo eclesial*. Algo perceptível nos cultos às personalidades, aos espaços-eventos e por meio do descuido da visão integral do Ser humano. Segundo Cavalcanti, o “culto protestante brasileiro é contra-cultura, anti-cultura ou cabeça-de-ponte de importações culturais, raramente uma homenagem nativa ao Cristo Redentor”.<sup>25</sup> Mais ainda, pontua-se “o individualismo moderno” e a “privatização da fé em conexão com uma antropologia eivada de dualismos, quando faz com que muitos cristãos percam o interesse pelas realidades macrossociais.”<sup>26</sup> À vista disso, Escobar destaca que

[...] de uma vez por todas, devemos rejeitar a falsa noção de que a preocupação com as implicações sociais do evangelho e as dimensões sociais do testemunho cristão resultam de uma falsa doutrina ou de uma ausência de convicção evangélica. Ao contrário, é o interesse pela integridade do Evangelho que nos motiva a acentuarmos a sua dimensão social.<sup>27</sup>

Falamos ainda de uma espiritualidade que deixa de se manifestar na existência e serviço do povo cristão, nos diversos modos e expressões humanas, nos processos históricos e concretude da vontade de Deus.

Em um segundo momento, destacamos *o caminho humano diante das culturas e civilizações*. Os seres humanos, ao longo da história, são os agentes fazedores de mundos, de realidades e de culturas. No entanto, o conceito

<sup>24</sup> LONGUINI NETO, Luis. *O novo rosto da missão*. Viçosa: Ultimato, 2002, p.186.

<sup>25</sup> CAVALCANTI, Robinson. O culto evangélico no Brasil - uma tipologia. *Boletim Teológico*, São Paulo, v. 9, n. 28, 1995, p. 7-16, p.15.

<sup>26</sup> RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulinas, 1989, p.254.

<sup>27</sup> ESCOBAR, Samuel. *Desafios da Igreja na América Latina: história, estratégia e teologia de missões*. Trad. Hans Udo Fuchs. Viçosa: Ultimato, 1997, p. 98.

polissêmico de cultura não está isento de tensões e conflitos permanentes, seja nas relações de poder e/ou por dentro dos teares e organizações do social, do político e do econômico. Desse modo,

[...] não devemos nos surpreender [...] que as lutas pelo poder sejam, crescentemente simbólicas e discursivas, ao invés de tomar, simplesmente, uma forma física e compulsiva, e que as próprias políticas assumam progressivamente a feição de uma "política cultural" <sup>28</sup>

Esse tipo de concepção tem uma relação íntima com questões históricas de identidades, de multidimensionalidades, de multiculturalidades e de subjetividades. Cristo foi tentado, rejeitado, odiado e perseguido por forças visíveis e invisíveis, mas agiu coerentemente com a missão que recebera do Pai e o amor que sentiu por seus discípulos (v. 4). No desejo de promover a redenção dos homens e das culturas, Jesus orientou seus discípulos acerca do exercício da fé, da prática do diálogo e em favor da busca pela maturidade pluri e espiritual. Algo que não tem relação com discursos moralistas e/ou com condicionamentos dogmáticos. Pelo contrário, sua fala indica uma consciência daquilo que é próprio da condição de Ser Humano e que nos coloca em direção a uma visão integral e multidimensional da nossa própria condição existencial. A Igreja está sujeita às tentações do caminho, todavia, deverá saber que o amor é o que a torna espiritual e faz com que seu caminho se desvele, sobremodo, excelente.

Por fim, chamamos atenção para *o caminho da fé e suas relações inter-humanas*. O caminho para uma visão de mundo pluricultural é a restauração da vinculação inter-humana. Unidade esta, entre o Pai e o Filho, sempre amorosa e que se revelou nos próprios processos históricos desse e nosso mundo habitado. Ele amou, chamou e reuniu, ao redor de si mesmo, discípulos com quem cultivou uma íntima comunhão. Além disso, preocupou-se em indicar os elementos essenciais da relação-vínculo entre as pessoas e seus variados contextos.

---

<sup>28</sup> HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, 1997, p. 15-46, p.20.

A Campanha da Fraternidade Ecumênica do ano passado chama a atenção para que “cada uma dessas Campanhas” “sinalize que o diálogo é o nosso melhor e mais autêntico testemunho. Sobre a fé, dizemos que ela nos lembra que Cristo é nossa paz e nos anima a prosseguir pelo caminho da unidade na diversidade.”<sup>29</sup>. É nesse sentido que segundo Bosch

[...] nem as abordagens reacionárias em extremo nem as revolucionárias em demasia vão ajudar a igreja e a missão cristã a alcançar uma maior clareza ou a servir melhor a causa de Deus [...]. Só no campo de força de aparentes opostos começaremos a acercar-nos de uma forma de teologizar relevante para nossa época.<sup>30</sup>

Esse desafio de agir em torno da Missão em unidade se torna um apelo às comunidades cristãs e, ao mesmo tempo, um desafio diante da crise das humanidades que temos visto em todas as dimensões, entre povos, pessoas, visões de mundo e em relação ao planeta terra.

## Considerações finais

A Igreja Cristã não é o sujeito maior, o fundamento e o alvo da Missão Espiritual. A jornada da fé é algo dinâmico que, em sua incompletude e inacabamentos, precisa de aperfeiçoamentos e revisões permanentes; representa um movimento em direção a um mundo cada vez mais globalizado, pluricultural, tecnológico e que precisa ser humanizado e humanizador dos humanos. Por conseguinte, um dos seus urgentes desafios encontra-se na necessidade de discernir sua caminhada histórico-social e evitar todo e qualquer tipo de escapismos, passividades, negacionismos e/ou comodismos.

Em contraposição aos individualismos institucionais, a presença e/ou testemunho da Igreja Cristã, na sociedade, deve carregar as marcas da encarnação e doação de si mesma à semelhança de Cristo. Falamos sobre um

---

<sup>29</sup> CONIC; CNBB; *Campanha Fraternidade Ecumênica 2021: texto-base*. Brasília: Edições CNBB, 2020, p. 8.

<sup>30</sup> BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. 2 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p.40-41.



tipo de engajamento no qual se ouça mais e que se faça sensível às angústias humanas. Por um lado, os enfrentamentos dessas questões não devem se limitar aos aspectos sintomáticos. Por outro lado, deve-se procurar ser coerente com seus fundamentos e presença efetiva diante dos desafios dos tempos presentes. A jornada da Igreja Cristã não se dá sem aflição e/ou sem oposição, porque sua reivindicação sempre será a favor da dignidade humana.

Por fim<sup>31</sup>, a comunidade precisa cuidar do seu coração, de suas fraquezas e contradições, tanto para lidar melhor consigo mesmo quanto com o próximo, em seus mais distintos níveis e possibilidades. Com efeito, espera-se que cada comunidade se abra para colaborar com outras realidades e formas de organização social, através dos diálogos, das ações comunitárias e das mobilizações diaconais, a fim de deixar, por ela mesma, de ser o principal obstáculo à missão.

## Referências

BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. Tradução de Geraldo Korndorfer; Luis M. Sander. 2ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BROWN, R. E. *A Comunidade do Discípulo Amado*. 2ed. Trad. Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulinas, 1983. (Nova Coleção Bíblica - 17).

BRUCE, F. F. *João: introdução e comentário*. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova/ Mundo Cristão, 1990. (Série Cultura Bíblica - 4).

CONIC; CNBB; *Campanha Fraternidade Ecumênica 2021: Texto-Base*. Brasília: Edições CNBB, 2020.

---

<sup>31</sup> O presente artigo surgiu, em sua forma final, a partir das discussões vivenciadas no Grupo de Estudo em Educação e Espiritualidade, na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Gratidão também ao Teólogo Glenn T. Every-Clayton, por suas contribuições nos momentos das discussões hermenêuticas.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças Culturais, Interculturalidade e Educação em Direitos Humanos. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 33, no. 118, p. 235-250, jan./mar. 2012.

CAVALCANTI, Robinson. O culto evangélico no Brasil - uma tipologia. *Boletim Teológico*, São Paulo, vol. 9, no. 28, p. 7-16, out./nov./dez. 1995.

CHAMBERLAIN, William D. *Gramática Exegética do Grego Neo-Testamentário*. Trad. Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989.

CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *Missão e Evangelização: uma afirmação ecumênica*. Traduzido por Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: CEDI, 1983, p.14.

DODD, Charles Harold. *A Interpretação do Quarto Evangelho*. Trad. José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 1997. (Nova Coleção Bíblica - 4).

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade*. Traduzido por Vera Ribeiro. Traduzido o posfácio à edição alemã por Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ESCOBAR, Samuel. *Desafios da Igreja na América Latina: história, estratégia e teologia de missões*. Trad. Hans Udo Fuchs. Viçosa: Ultimato, 1997.

ESCOBAR, Samuel. Um cristocentrismo funcional e contemplativo. *Ultimato*, 2014. Disponível em:  
<https://ultimato.com.br/sites/lausanne/2014/08/04/um-cristocentrismo-funcional-e-proclamativo/#respond>. Acesso em: 01 abr. 2021.

GUNDRY, Robert H. *Panorama do Novo Testamento*. 2ed. Traduzido por João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Traduzido por Ricardo Uebel, Maria Isabel Bujes e Marisa Vorraber Costa. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, vol. 22, no. 2, p. 15-46, jul./dez., 1997, p.20.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Encíclica Redemptoris Missio*. sobre a validade permanente do mandato missionário. Disponível em:  
[http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_07121990\\_redemptoris-missio.pdf](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.pdf). Acesso: 22 mai.2021.

LONGUINI NETO, Luis. *O novo rosto da missão*. Viçosa: Ultimato, 2002.

MATEOS, Juan & BARRETO, Juan. *O Evangelho de João: análise linguística e comentário exegético*. 2ed. Traduzido por Alberto Costa. São Paulo: Paulus, 1999. (Coleção Grande Comentário).

OCTAVIO, Ianni. Globalização: novo paradigma das ciências sociais. *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 8, no. 21, p. 147-163, 1994.

PAULO VI, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. sobre a evangelização do mundo contemporâneo. 14 ed. São Paulo: Paulinas, 1999.

REINECKER, Fritz & ROGERS, Cleon. *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*. Traduzido por Gordon Chown e Júlio Paulo T. Zabatheiro. São Paulo: Vida Nova, 1995.

RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulinas, 1989.

SCHERER, James A. *Evangelho, Igreja e Reino: estudos comparativos de teologia da missão*. Traduzido por Getúlio Bertelli, Luiz H. Dreher e Luiz M. Sander. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1991. (Teologia Prática - c-1).

STOTT, John R. W. *John Stott Comenta o Pacto de Lausanne: uma exposição e comentário*. Traduzido por José Gabriel Said. São Paulo: ABU, Belo Horizonte: Visão Mundial, 1983. (Série Lausanne - 4).

TENNEY, Merrill C. *O Novo Testamento: sua origem e análise*. 3ed. Traduzido por Antônio Fernandes, São Paulo: Vida Nova, 1995.

VIER, Frederico (coord.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 4 ed. Petrópolis: Vozes 1969.

VV. AA. *A Missão da Igreja no Mundo de Hoje: as principais palestras do congresso internacional de evangelização mundial realizado em Lausanne, Suíça*. 3ed. Traduzido por José Gabriel Said. São Paulo: ABU, Visão Mundial: Belo Horizonte, 1989.

WORLD COUNCIL OF CHURCHES. *História*. [s.d], página inicial. Disponível em: <https://www.oikoumene.org/about-the-wcc/history>. Acesso: 20 mai. 2021.

WORLD MISSIONARY CONFERENCE, 1910. *The Church In The Mission Field: Report of Commission II*. Oliphant, Anderson & Ferrier/ Fleming H. Revell Company: Edinburgh/London, 1910.

ZWETSCH, Robert E. Missão-Testemunho do Evangelho no Horizonte do Reino de Deus. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (org.). *Teologia Prática no Contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: ASTE, 1998.

Trabalho submetido em 01/04/2021.  
Aceito em 15/06/2021.

#### Ezir George Silva

Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Professor Adjunto da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. Graduado em Pedagogia e Pós-Graduado em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru - FAFICA. Professor Permanente do Programa de Pós Graduação da Unversidade Federal de Pernambuco - UFPE. Email: ezo.silva@hotmail.com

#### Josemar Guedes Ferreira

Teólogo congregacional, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco- UFPE e membro do Grupo de Estudos em Educação e Espiritualidade na UFPE. Email: josemar.mestrado@gmail.com